

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PRESIDENTE Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Rogério Cezar de Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Ana Estela de Sousa Pinto, Cláudia Collucci, Hélio Schwartzman, Mônica Bergamo, Patrícia Campos Mello, Suzana Singer, Vinicius Mota, Antonio Manuel Teixeira Mendes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETORIA-EXECUTIVA Marcelo Benz (comercial), Marcelo Machado Gonçalves (financeiro) e Eduardo Alcaro (planejamento e novos negócios)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Megarrodízio

Contra coronavírus, cidade de SP tira de circulação metade da frota; medidas drásticas avançam no país

De longe a cidade brasileira que registra o maior número de contaminações e mortes por Covid-19, São Paulo passará a adotar, a partir da próxima segunda-feira (11), um controle mais draconiano do trânsito para tentar conter a expansão da epidemia viral.

A prefeitura já tentara restringir a circulação de automóveis no início da semana, ao bloquear o acesso a algumas avenidas. A experiência, porém, não se mostrou bem-sucedida, e foi interrompida após levar a uma piora do tráfego, com ambulâncias e profissionais de saúde retidos nos congestionamentos.

Optou-se agora por expandir o rodízio de veículos e torná-lo mais rígido. Durante o dia inteiro e em toda a cidade, e não mais apenas em certos horários e no centro expandido, metade da frota paulistana será proibida de circular, inclusive aos sábados e domingos.

A ampliação do controle se dá num momento em que o sistema de saúde da capital já inspira cuidados. Segundo o prefeito Bruno Covas (PSDB), a ocupação de leitos em unidades de terapia intensiva passa dos 80%, e metade dos hospitais referenciados para tratar a Covid-19 já tem mais de 95% de leitos de UTI ocupados.

Como medida drástica, a prefeitura visa a aumentar a taxa de distanciamento social na capital, que tem se mantido abaixo dos 50% nos últimos dias. Segundo autoridades sanitárias, para que a dissemina-

ção da enfermidade seja controlada e o sistema hospitalar não entre em colapso, é necessária a adesão de ao menos 70% dos paulistanos.

Ao perseguir esse objetivo por meio de restrições maiores ao trânsito, pretende-se evitar a implementação do chamado "lockdown", ou confinamento, com consequências decerto mais traumáticas para a população e para a economia.

Limitações de pessoas têm sido adotadas em diversas regiões nos últimos dias e tendem a se tornar cada vez mais comuns no país — a despeito de pressões políticas pela retomada de atividades.

Uma comparação da evolução da Covid-19 em 40 nações mostrou que o Brasil se situa no grupo em que as taxas de contaminação e letalidade sobem mais rapidamente.

Tal avanço vem produzindo pressão enorme sobre sistemas locais de saúde. Ao menos quatro estados e oito capitais já possuem mais de 90% dos leitos de terapia intensiva destinados ao tratamento de pacientes com a doença ocupados.

A necessidade de conter o alastramento da Covid-19, infelizmente, esbarra em problemas estruturais brasileiros. Nas periferias pobres do país, habitando casebres sem saneamento básico e tendo de sair para trabalhar, muitas famílias não dispõem de condições para cumprir o distanciamento social.

Obrigam-se, assim, a arriscar a saúde para garantir a sobrevivência.

Público e privado

É meritório o emprego de leitos ociosos da rede particular, mas com negociação e planejamento

Chegou ao Brasil aquele momento temido da disseminação do novo coronavírus em que os sistemas de saúde, grandes cidades à frente, começam a entrar em colapso ou se avizinham dele. Na capital paulista, encontram-se ocupados 95% dos leitos de terapia intensiva designados para tratar a Covid-19.

Enquanto o presidente da República não dá mostras de assumir responsabilidades diante do flagelo que já matou mais de 9.000 compatriotas, prefeitos e governadores reagem como podem — e nem sempre como deveriam. O bom administrador se revela pela capacidade de tomar decisões racionais.

Alguns já falam em requisitar de modo compulsório vagas de UTI na rede privada, para incluir na fila única do SUS. É uma possibilidade prevista em lei, mas alcaides, legisladores e governadores precisam proceder com cautela.

O aproveitamento de vagas pode e deve ser feito, sobretudo por que aumentou a ociosidade em hospitais particulares, ao que parece com o adiamento de cirurgias eletivas. Entretanto cumpre preservar a sustentação e a funcionalidade do sistema privado, essencial no modelo brasileiro.

Amedida, se bem conduzida, pode até mostrar-se compensadora para seus mantenedores, que teriam aí uma fonte de receita alternativa — dado que seria abusivo confiscar leitos sem remunerá-los.

A Prefeitura de São Paulo deu exemplo e anunciou que pagará R\$ 2.100 de diária por vaga ocupada, de modo a ressarcir ônus recados sobre os hospitais. Está buscando as instituições individualmente para negociar termos dessas parcerias, tendo já acordado a cessão de leitos com sete delas.

Onde houve maior dose de planejamento e aderência a recomendações de especialistas, não faltam até aqui leitos, intensivistas e respiradores. Isso não dá garantia de que não venham a faltar, pois ainda não há informações amplas e confiáveis sobre o comportamento da Covid-19 no país.

E tampouco em várias outras nações, registre-se, inclusive ricas como os Estados Unidos, que lideram a mortandade mundial.

Em tal cenário, resta administrar com sensatez os recursos disponíveis. Ceder a tentações voluntaristas, como a de confiscar leitos à base de canetadas, tende a desorganizar a rede privada sem garantir a qualidade do atendimento no SUS.



Rodízio doidivasanas

Hélio Schwartzman

SÃO PAULO Por mais que tente, não consigo ver consistência na ideia do prefeito de São Paulo, Bruno Covas, de instituir um megarrodízio de veículos no município, com o objetivo de restringir a circulação de pessoas.

A partir da próxima segunda-feira, as regras do rodízio mudarão para tirar das ruas metade da frota a cada dia, incluindo sábados, domingos e feriados, e a interdição valerá na cidade inteira (era só no centro expandido), durante todo o dia (era só nos horários de pico).

A preocupação do alcaide é correta. A adesão dos paulistanos ao distanciamento social vem caindo, ao mesmo tempo em que a ocupação das UTIs está aumentando. E essa é uma combinação explosiva. A persistir a tendência, teremos cada vez mais infectados e menos condições de cuidar dos doentes.

Só que a resposta para esse problema são medidas que diminuam a circulação de pessoas, não a de veículos. Em termos sanitários, é muito melhor que os indivíduos que estão autorizados a continuar trabalhando

dose locomovam em carros particulares do que se utilizem do transporte coletivo, no qual ocorrem muito mais oportunidades de transmissão do vírus e onde diferentes clusters populacionais entram em contato.

Isso para não mencionar o caso daqueles que, mesmo sem integrar o grupo dos que atuam em serviços essenciais, precisam deslocar-se emergencialmente para um hospital, uma consulta médica, ou para comprar um remédio. Muitas vezes, são pessoas do grupo de risco as que não podem adiar tratamentos.

Minha impressão é que Covas optou por esse rodízio meio maluco porque não teve coragem de instituir o "lockdown", no qual o controle se daria, como faz muito mais sentido, sobre o objetivo da saída e não sobre o meio de transporte utilizado. Só posso especular sobre as razões que levaram o prefeito a preferir esse arremedo de solução, que poderá até agravar o contágio, ao "lockdown", que, infelizmente, parece cada dia mais inevitável.

helio@uol.com.br

A marcha dos CNPJs

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Pelo segundo dia seguido, o ministro da Saúde disse que o governo deve recomendar medidas mais rigorosas de isolamento contra o coronavírus em algumas cidades. Nelson Teich afirmou na Câmara que o chamado "lockdown" pode ser implantado para "segurar o número de casos novos" de contaminação.

O doutor está na contramão do chefe. Após receber empresários e fazer um comício no STF contra o distanciamento, Jair Bolsonaro alegou que as restrições são inúteis. "Essa questão de 'fique em casa' não está funcionando. Está servindo para matar o comércio", diagnosticou.

O presidente trocou o ministro responsável pelo combate à pandemia porque Henrique Mandetta não dizia o que ele queria ouvir. Teich assumiu com um discurso errático e completou 22 dias no cargo sem nenhuma ideia de como enfrentar a crise, mas nem ele conseguiu maquiá-la a realidade para agradar ao patrão.

Bolsonaro insiste numa retomada imediata e milagrosa da economia, embora ninguém no governo seja

capaz de apresentar um plano para que isso seja feito de forma segura. Seu propósito é puramente político: uma tentativa de manter a tensão com governadores e se proteger dos danos provocados pela recessão.

Enquanto sistemas hospitalares entram em colapso e corpos se amontoam em câmaras frigoríficas, o presidente só se lembra de fazer campanha pela reabertura de lojas e fábricas. "A indústria comercial está na UTI", declarou. "Depois da UTI, é o cemitério".

Ele reproduzia a metáfora de lobistas que foram a Brasília para defender o relaxamento das medidas de restrição. Um deles, representante de fábricas de brinquedos, mostrou qual era a preocupação da turma. Reclamou da China e completou: "Eu tenho um inimigo lá fora prontinho para suprir o mercado inteiro, e então haverá morte de CNPJ".

Até esta quinta (7), morreram 9.146 CPFs, na linguagem do empresário. Já os CNPJs do grupo que visitou Bolsonaro receberam ajuda do governo e cafezinho no Palácio do Planalto.

A seguir, os omissos e hidrófobos

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Nós, os amigos de Aldir Blanc, não pudemos nos despedir dele. Quando sobemos que fora para o Miguel Couto, Aldir já estava fora do nosso alcance, como acontece com as vítimas da Covid-19. E, quando o transferiram para a UTI e depois para o Pedro Ernesto, nem mais sua família pôde vê-lo. Ninguem, exceto a equipe médica, foi testemunha da luta que, inconscientemente, seu corpo travou contra a morte durante 20 dias. Ninguém, exceto os íntimos, pôde levá-lo ao reduto final, e nem mesmo a eles foi concedido um beijo ou olhar de despedida.

Esse quadro de interações repentinas e despedidas prematuras está se repetindo em todo o país, milhares de vezes por dia. Os números já são massacrantes por si, mas insuficientes para descrever o sofrimento de cada cônjuge, pai, filho ou família. Um dia, muitas dessas histórias individuais serão contadas e só então saberemos o alcance de cada uma. Isto se antes não formos, nós mesmos, testemunhas de casos pró-

ximos ou seus protagonistas.

Tem-se a impressão de que, até agora, só os nossos estão morrendo. E não me refiro aos artistas, aos famosos, mas também a aqueles, anônimos para a maioria e tão importantes para suas ruas ou comunidades. Os jornais publicam diariamente os perfis dessas pessoas, e só então ficamos sabendo quem perdemos e o quanto farão falta.

Não viaté agora a notícia da morte de ninguém que, próximo ou distante de Jair Bolsonaro, mas estimulada por ele, continua negando a pandemia, fazendo carreatas, trocando perdigotos, esbravejando insultos e agredindo enfermeiros e jornalistas. Mas não é possível que a irresponsabilidade, a inconsciência e a crueldade sejam imunizantes.

Tem-se que, em breve, o número de mortes diárias chegue aos quatro dígitos. Só que, quando acontecer, atingirá também os omissos e os hidrófobos, dentro e fora do governo. O vírus, ao contrário deles, não conhece ideologia.

Migrações e pandemia

Claudia Costin

Diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, da FGV. Escreve às sextas

Em seu livro "Good Economics for Hard Times", os professores do MIT Abhijit Banerjee e Esther Duflo, laureados com o Prêmio Nobel de Economia de 2019, destacam que as opiniões sobre migrações não são, em geral, confirmadas pelos números. A presunção de que migrantes depressim e os salários e a oferta de empregos não coincidem com a realidade na maior parte dos países, mas infelizmente servem a propósitos eleitorais, em tempos de polarização.

É muito fácil, em meio a crises, colocar o imigrante ou o migrante interno como o "outro", o principal culpado dos males que nos afligem.

Assim, em países multiétnicos, chineses, rohingyas ou mexicanos têm sido apresentados como os que trouxeram a Covid-19 para seu interior e não faltaram manifestações que ligaram a doença ao eterno bo de expiatório, os judeus.

Essas narrativas se associam a teorias conspiratórias variadas que circulam por redes sociais num contexto em que a imprensa — e a ciência — são vistas com desconfiança.

Assim, já existem histórias em grupos de WhatsApp afirmando que os principais protagonistas da doença no Brasil seriam os venezuelanos que, além de tirar empregos e onerar os cofres do poder público, estariam trazendo a Covid-19 para dentro dos nossos lares.

Uma primeira questão que me ocorre ao ouvir tais narrativas é um ponto corretamente levantado por Banerjee e Duflo: pelas pesquisas, dificilmente alguém com habilidades mais baixas sai de seu país de origem porque deseja passar por aventuras ou mesmo ganhar um pouco mais.

A migração tende a romper conexões culturais e uma estrutura de suporte com a família estendida, o que tende a tornar a vida bem mais desafiadora no lugar de exílio. Ela ocorre, dizem os autores, citando o poeta inglês originário da Somália Warsan Shire, por que opais chamado de lar teria se tornado a boca do tubarão.

Nesse sentido, ficou emocionada ao ouvir o secretário de Educação de Boa Vista, num webinar, na semana passada, sobre as respostas educacionais à pandemia, relatando os esforços da rede municipal de ensino para garantir aprendizagem emergencial remota aos alunos da cidade.

Questionado sobre os venezuelanos que ali vivem e, em grandes números, frequentam escolas, se eles também estariam sendo atendidos em casa, respondeu: "Naturalmente, afinal são nossos alunos".

Há uma complexidade no atendimento, dada a questão da língua, mas a postura não excluyente dos professores vem construindo soluções para que aqueles que tiveram que abandonar seus locais de origem não percam o direito de aprender, na escola ou em casa. Nem um a menos!

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias_debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

O pior da pandemia se dará na saúde mental

Nunca se precisou tanto desse cuidado, e o SUS não está preparado para isso

Jair de Jesus Mari

Médico psiquiatra, é professor titular e chefe do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp)

Estamos vivendo um período histórico e marcante da humanidade, em que as aceleradas cenários de horrores, por todos os cantos do planeta, ficarão na memória de várias gerações. Essas lembranças trarão sequelas mentais imensuráveis. A Covid-19 é uma condição particular de estresse que veio para impactar nossas mentes, desorganizar as economias das populações e aumentar o risco para o desenvolvimento de transtornos mentais em nível global.

O vírus causa tanto um estresse ambiental direto, pelo risco de contaminação e morte, quanto uma série de intercorrências relacionadas com a economia e o distanciamento social. Se o vírus não existisse, estaríamos tocando nossas vidas normalmente e nada disso aconteceria. Mas vamos com calma: nem todo sobrevivente da pandemia vai apresentar um transtorno mental, porque estamos frente a estressores imprescindíveis, mas não necessariamente suficientes para o seu desencadeamento.

Os efeitos da Covid-19 na saúde mental vão depender das diferentes fases da pandemia. A primeira fase é marcada pelo foco de apreensão, que é o medo de ser contaminado ou de contaminar outras pessoas, o que não difere de situações traumáticas como as que se observam em um terremoto.

A segunda fase da epidemia está relacionada com o confinamento compulsório, que exige uma mudança coerciva de rotina. É uma reação de ajustamento situacional caracterizada por ansiedade, angústia, irritabilidade e desconforto em relação à nova realidade. Ficar depressivo e ansioso durante a pandemia é uma reação normal diante das circunstâncias de insegurança e

do medo que nos prepara o futuro.

O estado de ansiedade preocupa quando o foco de apreensão expande os limites relacionados com a pandemia e invade outras faces da vida, como a familiar, conjugal e profissional. O estado de alerta na depressão se dá quando o indivíduo deixa de ter interesse pelas atividades de que gostava, é invadido por intensa tristeza, sente uma irritabilidade incontrolável, sensação de fadiga, desgaste emocional, insônia, pensamentos negativos e até ideias de que não vale a pena viver.

Uma população que está mais exposta a fatores de estresse são os profissionais de saúde que da linha de frente. Eles estão sendo submetidos a um alto nível de exigência física e emocional, dentro de uma estrutura assistencial insuficiente para garan-

tir segurança profissional. São vários os relatos da carência de Equipamentos de Proteção Individual, levando, além do medo de ser contaminado, a uma sensação de desamparo, de desamparo e frustração com as condições adversas de trabalho, sem contar a convivência com cenas terríficas no dia a dia. Nesta situação espera-se um nível elevado da síndrome de burnout (causada pelo esgotamento profissional).

A terceira fase da pandemia é a que vai estar relacionada com as mortes abruptas decorrentes da Covid-19. Sem os rituais habituais de despedida, poderão aumentar os casos de risco complicado com depressão e luto de suicídio. As pessoas que permanecerem nas unidades de terapia intensiva terão experienciado cenas inesquecíveis e traumáticas, com algumas desenvolvendo episódios futuros de estresse pós-traumático. As perdas econômicas, o desemprego e a acentuação da desigualdade social vão ocasionar aumento da depressão e de suicídios.

Nunca a humanidade precisou tanto dos profissionais de saúde mental como agora. O SUS não está preparado para dar conta desses problemas. Para superar essa situação é fundamental que os psicólogos da rede adotem técnicas psicoterápicas de intervenção breve e, assim, possam atingir um maior número de pessoas. Os casos mais graves deverão ser cuidados por psiquiatras com um bom treinamento no diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais relacionados ao estresse.

O que se espera dos profissionais de saúde mental, além de um engajamento solidário no cuidado das pessoas em sofrimento, é que adotem práticas baseadas em sólidos conhecimentos científicos.

...

O confinamento compulsório exige uma mudança coerciva de rotina. É uma reação de ajustamento situacional caracterizada por ansiedade, angústia, irritabilidade e desconforto. (...) Ficar depressivo e ansioso durante a pandemia é uma reação normal diante das circunstâncias de insegurança e do medo que nos prepara o futuro

Esclarecimentos sobre o editorial 'Sangue Bom'

Homossexuais masculinos devem cumprir prazo estabelecido para doar sangue

Dante Langhi

Presidente da Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular

A Associação Brasileira de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular (ABHH), enquanto sociedade científica, sente-se no dever de esclarecer, tecnicamente, informações veiculadas no editorial "Sangue Bom", publicado nesta Folha em 27 de abril. O texto discute sobre decisão do STF (em curso) a respeito da doação de sangue por homens que fazem sexo com homens (HSHs) nos 12 meses anteriores.

A ABHH elucida que exames sorológicos e pesquisa de ácidos nucleicos virais são incapazes de detectar a presença de agentes infecciosos em todos os casos, especialmente nos primeiros dias da contaminação. Tecnicamente, considera-se uma margem segura cerca de 10 dias para HIV e 20 dias para o vírus da hepatite B. Ousadia, persiste a janela sorológica, apenas mais curta do que antes da introdução de exames mais sensíveis.

Ocorre que indivíduos expostos ao risco de contaminação em geral desconhecem o fenômeno da janela sorológica e frequentemente doam sangue dias após a exposição, antes da expectativa de que exames deem resultado positivo. Além disso, é preciso levar em consideração o tipo de relação sexual.

Em artigo publicado na revista Veja em 2016, David Uip, um dos maiores especialistas em doenças infecciosas no país, afirmou que a relação anal passiva sem preservativo

é a que apresenta maior risco — na proporção de uma transmissão para cada 72 relações sexuais. Já para a relação anal ativa, há uma transmissão para cada 900 relações. A relação pênis-vagina passiva tem risco de uma transmissão a cada 2.500 relações, enquanto na ativa o índice cai pela metade. Já no sexo oral, ativo ou passivo, o risco é de zero a quatro transmissões por 10 mil ações. Segundo pesquisa da Faculdade de

Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (Veras et al, 2015), a prevalência do vírus HIV entre HSHs em São Paulo foi de 15,4% — cerca de 450 vezes superior à encontrada entre os doadores de sangue, que é inferior a 0,03% (Hemocentro de Ribeirão Preto-SP). Além disso, apenas 45,8% dos HSHs avaliados estavam cientes de sua sorologia positiva.

O Boletim Epidemiológico de Aids (2016) mostrou que, no ano de 2015, 50,4% dos homens tiveram exposição exclusivamente homossexual, bissexual (9%) e heterossexual (36,8%). Entre as mulheres, na mesma faixa etária, 96,4% dos casos se inserem na categoria de exposição heterossexual. A relação homossexual entre mulheres não está associada a um risco aumentado de transmissão de agentes infecciosos; por isso, mulheres que praticam sexo com mulheres não sofrem restrição à doação de sangue.

Diante do exposto, depreende-se que a doação de sangue por HSHs pode acarretar risco aumentado de transmissão do HIV (e de outros agentes). Não se trata, portanto, de discriminação por orientação sexual, pois esse grupo pode doar sangue desde que respeitado o prazo de 12 meses (período que, com segurança, talvez possa ser reduzido) — e também porque homossexuais do sexo feminino não estão sujeitos à inaptidão temporária.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para al Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Caravana ao STF

Foi pressionar e saiu pressionado. A responsabilidade é do senhor presidente que, em conjunto com seus ministros, deveria fazer uma articulação com governadores e prefeitos e planejar o presente e o futuro, considerando a saúde da população e a economia. Veja os exemplos de outros países. Que vergonha. Preciso ir ao STF para ouvir isso ("Bolsonaro, Guedes e empresários vão ao STF para pressionar pelo fim do isolamento contra coronavírus", Mercado, 7/5)?

Lidia Aparecida Rossi
(Ribeirão Preto, SP)

Mais uma vez o presidente mostrou que não se importa com a população brasileira. Com o povo, Bolsonaro é zombeteiro e desrespeitoso. Com os empresários, é apoiador e pede ajuda de todos. Nosso futuro será trágico.

Fernanda Amorá
(Curitiba, PR)

A riqueza do homem é a sua força de trabalho. Está muito claro isso. É o que faz o mundo girar: a força de trabalho do homem comum.

Neli Araujo
(Curitiba, PR)

Não são os empresários que são responsáveis pela sobrevivência das famílias. É exatamente o contrário: as famílias é que são responsáveis pela sobrevivência dos empresários. Famílias são formadas por pessoas, e pessoas mortas não trabalham. Um eventual fim do isolamento social neste ponto da crise sanitária só vai fazer piorar a derrocada econômica. Como essa gente não consegue entender isso?

Juanito Ornelas de Avelar
(São Gonçalo, RJ)

Funcionários públicos

O jornalista rodou o mundo em 2019 e fez reportagens sobre a desigualdade, mas voltou ao Brasil, aparentemente, convencido que aqui o problema são os servidores ("Na discussão da fila única, Bolsonaro reforça apartheid nacional", Fernando Canzian, 7/5). Pensar um pouco nas razões pelas quais renda (18%) e patrimônio (3,9%) são menos taxados dos que o salário (25%) não parece estar no horizonte. Para ele, parece justo que quem trabalha para se sustentar pague mais imposto do que quem obtém renda de seu patrimônio.

Paula Christine Schile
(São Paulo, SP)

Os jornalistas parecem acreditar que todos os funcionários públicos têm o mesmo ganho que deputados, senadores, juízes, secretários e ministros... Não é assim não. Depois de três anos sem reajuste, funcionário da Educação no Paraná teve 5% de reajuste — parcelado.

Roberto Xavier de Castro
(Antonina, PR)

Economia

Eis que, no meio da pandemia, vem o senhor Flávio Rocha nos lembrar de como é triste a face do empresário brasileiro: reacionária, atrasada, mesquinha. O número 200 deve representar o desejo secreto do valor de salário mínimo que gostaria de pagar aos trabalhadores ("Brasil 200, fica aqui a minha despedida", Tendências / Debates, 7/5).

Alex Fabiano Nogueira
(São Paulo, SP)

É didático ler preto no branco, pelo próprio autor, a prova da mentalidade que tantos jornalistas e pensadores denunciam todos os dias. Do alto de sua torre de marfim, onde só seus próprios interesses têm espaço, pessoas como este senhor financiam a divulgação insistente de noções que não têm base na realidade, que o gigantismo estatal. Que se vá. Já vai tarde.

Magda Mundt
(Porto Alegre, RS)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

ESPORTE (ZMAI, PÁG. B15) O ex-jogador de basquete Michael Jordan é quatro anos mais novo do que

Megarrodízio

Trágica a decisão de Covas ("Rodízio de carros para combater coronavírus tirará das ruas metade da frota de SP", Cotidiano, 7/5). Cidadãos que circulavam em isolamento nos carros passarão a utilizar transporte público ou compartilhar carros, aumentando significativamente o contágio. A parca que deixará de circular devido ao isso será infima. Que cidades no mundo adotaram esse método?

Jorge Alberto Nurkin
(São Paulo, SP)

Embora não tenha as mesmas convicções políticas do prefeito paulistano, apoio e aplaudo — sem titubear — a necessária medida preventiva, com a implantação do rodízio de veículos, para limitar a quantidade de máquinas rodantes em circulação na cidade neste isolamento.

João Paulo de Oliveira
(Diadema, SP)

Gostaria que a prefeitura explicasse qual é o sentido de obrigar as pessoas que continuam a trabalhar a usar transporte público, quando poderiam usar seus próprios veículos? São pessoas que já estão se colocando em risco para continuar a exercer atividades consideradas essenciais e que agora verão seu risco ainda mais aumentado. A medida prejudica, acima de tudo, aqueles que efetivamente precisam trabalhar. A intenção é aumentar o número de infectados?

Andreia Ruzzante Gagliardi
(São Paulo, SP)

Por que demoram tanto para tomar atitudes mais severas que restringem a circulação de pessoas? Moises Rodrigues Silva
(Guarulhos, SP)

Educação

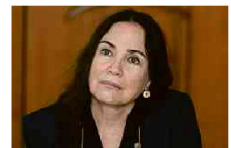
Com relação à reportagem "SP planeja volta às aulas com 20% dos alunos, da creche à universidade", fica claro que o governo de SP não tem um plano. São apenas medidas genéricas que não incluem o deslocamento dos estudantes, estratégias para desinfecção de ambientes ou mesmo para a disponibilização dos insusos de higiene. Além disso, para a elaboração do tal plano, em momento algum o governo cogitou dialogar com professores ou alunos, partes diretamente envolvidas.

Professora Bebel, presidente da Apeoesp e deputada estadual (PT)

Cultura

A biografia de Regina Duarte nunca será maculada. A atriz deixou um legado importante para a cultura e a arte no Brasil. Sua atuação no governo Bolsonaro não é fácil. Ela já enfrentou diversas críticas relacionadas à sua posição política. Não seria novidade a ela fazer parte de um governo contrário ao PT.

Mário Negro Borbonovi
(Rio de Janeiro)



A secretária da Cultura, Regina Duarte
Isac Nobrega - 6.mai.20/Divulgação Presidência

O leitor Rodolpho Motta Lima afirma que "a namoradina do Brasil está herdando com o fascismo" ("Painel do Leitor, 7/5). Discordo da afirmação, pois a verdade é que a Viúva Borcina está mesmo dominando com o fascismo. E está gostando.

Ernani Terra
(São Paulo, SP)

Inacreditável a Secretaria Especial da Cultura não ter divulgado nem mesmo uma nota de pesar pela morte do grande Aldir Blanc.

Claudia Ciscato
(São Paulo, SP)